



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA PAULISTA DE POLÍTICA, ECONOMIA E NEGÓCIOS

VITOR GUIMARÃES NOVOA

**Análise da Educação Financeira dos Graduandos de uma
Universidade Pública**

OSASCO

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA PAULISTA DE POLÍTICA, ECONOMIA E NEGÓCIOS

VITOR GUIMARÃES NOVOA

**Análise da Educação Financeira dos Graduandos de uma
Universidade Pública**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola Paulista de
Política, Economia e Negócios da
Universidade Federal de São
Paulo como requisito para
obtenção do título de Bacharel
em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Samir
Sayed.

OSASCO

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Unifesp Osasco
e Departamento de Tecnologia da Informação Unifesp Osasco,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N945a NOVOA, Vitor Guimarães

Análise da educação financeira dos graduandos de uma
universidade pública / Vitor Guimarães Novoa. - 2021.
41 f. :il.

Trabalho de conclusão de curso (Administração) -
Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Política,
Economia e Negócios, Osasco, 2021.
Orientador: Prof. Dr. Samir Sayed.

1. Educação financeira. 2. Nível de conhecimento. 3.
Conhecimento teórico. 4. Estudantes universitários. I. Sayed,
Prof. Dr. Samir , II. TCC - Unifesp/EPPEN. III. Título.

CDD: 332.024

Resumo

A educação financeira é um tema pouco presente nos currículos das escolas e universidades brasileiras, não é à toa que, assim como será explorado pelo presente trabalho, o Brasil não está bem posicionado em pesquisas internacionais que abordam o assunto. Diante deste contexto, o presente trabalho de graduação busca compreender se o fato de um estudante cursar uma graduação que contemple uma carga obrigatória de disciplinas pertencentes à área de conhecimento das Finanças impacta no nível de educação financeira do universitário. Além disso, será que dentre uma população já privilegiada (alunos de uma faculdade de negócios) há uma diferenciação no que tange o nível de conhecimento dos alunos dos cursos com maior exposição às disciplinas financeiras? São esses os enfoques desta pesquisa que buscou na literatura uma forma eficaz de mensuração e classificação do nível de conhecimento dos alunos. Ao se utilizar de técnicas estatísticas, o presente trabalho buscou verificar as correlações fruto do que motivou a escolha do tópico de pesquisa. Essa abordagem tem o potencial de se entender quais fatores explicam o conhecimento em finanças pessoais e se alunos que se expõe aos conhecimentos teóricos sobre o tema se destacam do restante dos indivíduos. Observando os principais resultados da pesquisa, em média os alunos acertaram 60% das questões, sendo que 40% da amostra acertou 50% ou menos. Os alunos dos primeiros dois anos acertaram, em média, 56% das questões, enquanto o restante acertou 60%. Curiosamente, os alunos dos cursos com menos disciplinas financeiras (Administração e Economia) demonstraram um conhecimento levemente maior do que os cursos em que matérias de finanças são mais presentes (Ciências Atuariais e Ciências Contábeis).

Palavras-chave: educação financeira, mensuração, classificação, nível de conhecimento, correlações, universitários, conhecimento teórico.

Abstract

Financial literacy is not as present in Brazilian schools and universities as it could be and, not surprisingly, Brazil is not going well among international studies that aim to understand how much knowledge there is in this topic. Looking at this outlook, this thesis aims to understand if a student who is exposed to financial disciplines in an undergraduate course tends to have more personal finance expertise if compared to other students. And even further, are there different levels of knowledge based on the percentage of study hours dedicated to financial subjects? This will be the focus of this work that investigated the academy to measure and classify financial literacy in an efficient manner and to understand possible correlations inside the field of study. This approach has the potential to find key factors that explain how students acquire personal finance know-how and if theoretical knowledge affects practice in this area.

Keywords: financial literacy, measure, classify, expertise, correlation, students, theoretical knowledge.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Carga Horária de Finanças em Cursos de Graduação.....18

Tabela 2 – Disciplinas de Finanças por Cursos de Graduação.....19

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Experiência Profissional.....	23
Gráfico 2 – Gênero dos Respondentes.....	24
Gráfico 3 – Questão que Aborda Juros Compostos.....	25
Gráfico 4 – Questão que Aborda Risco de Ativos Financeiros.....	26
Gráfico 5 – Questão que Aborda o Conceito de Risco Financeiro.....	26

Agradecimentos

À minha família que sempre esteve presente, um dos pilares que me fez sempre seguir em frente. Gostaria de agradecer especificamente:

Todos os amigos e amigas que tive o prazer de conhecer na Unifesp.

Todos os professores que foram cruciais no meu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

A todos os colaboradores da Unifesp e das empresas terceirizadas sem os quais nada seria possível.

À equipe da EPPEN Jr e da Liga Mind7 de Empreendedorismo, que me proporcionaram uma grande vivência profissional no âmbito universitário.

Ao meu orientador prof. Samir Sayed pelo apoio e direção na condução deste trabalho e pela iniciativa de lecionar a UC Finanças Pessoais, que me inspirou a escolher o tema desta pesquisa.

Sumário

1. Introdução.....	9
2. Fundamentação Teórica	12
2.1 A Educação Financeira e suas Implicações Práticas.....	12
2.2 Contexto no Brasil.....	14
2.3 Finanças em Cursos de Graduação	17
3. Procedimentos Metodológicos.....	20
3.1 Caracterização da Pesquisa	20
3.2 Coleta de Dados	20
3.3 Critérios para Análise dos Dados.....	21
4. Análise dos Resultados	23
4.1 Perfil dos Respondentes	23
4.2 Conhecimento dos Alunos	24
4.3 Impacto do Termo do Aluno no Conhecimento Financeiro	27
5. Conclusão.....	29
6. Referências Bibliográficas	31
7. Anexos.....	37
7.1 Questões do Formulário de Pesquisa	37

1. Introdução

Em dezembro de 2010, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), instituída pelo Decreto nº 7.397, foi concebida com a “finalidade de promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania [...] e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores” desde o Ensino Fundamental (AEF-Brasil, 2010). No ano de 2015, como resultado do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), iniciativa da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que testa jovens na faixa etária dos 15 anos, o Brasil foi o último colocado no *ranking* geral de conhecimentos financeiros (OCDE, 2018).

Já em 2019, o país encerrou o ano com 63,8 milhões de indivíduos inadimplentes, ou seja, ao redor de 30% da população do país não foi capaz de honrar o seu compromisso ao tomar um empréstimo (Serasa Experian, 2020). No tópico investimentos, a Comissão de Valores Mobiliários concluiu que sete em dez brasileiros optam pela caderneta de poupança como mecanismo de guarda o excedente de sua renda (CVM, 2018), mesmo esta classe de ativo ter sido o pior investimento do ano de 2019 em termos de rentabilidade nominal (EXAME, 2019). No universo da bolsa de valores, enquanto que nos Estados Unidos da América (EUA), segundo a *Pew Research Center* (2020), mais de 50% das famílias possui direta ou indiretamente uma posição no mercado acionário, no Brasil o número de pessoas físicas cadastradas na bolsa de valores de São Paulo gira em torno de 1% da população do país, de acordo com dados populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) e cadastrais da B3 (2020).

Esses são apenas alguns dados que comprovam o baixo nível de educação financeira do brasileiro que, no geral, é apenas exposto à educação financeira ao adentrar o ensino superior, caso se especialize em profissão na área ou por meio de uma experiência prática. Em relação à vivência prática por exemplo, o conhecimento sobre inflação em países que passaram por períodos hiper inflacionários recentes, como a Argentina, é maior do que a média mundial de entendimento desse mesmo conceito (Lusardi, 2014). No âmbito do ensino superior, mesmo que o conhecimento financeiro seja contemplado em cursos como o de Administração dentro de Unidades Curriculares (UCs) obrigatórias, a maior parte delas possui como enfoque a gestão financeira empresarial. No decorrer do curso, os alunos de Administração, por exemplo, estudam os meios de se calcular o retorno do investimento em um projeto, mecanismos de gestão de ativos e passivos por meio de instrumentos financeiros visando a sustentabilidade organizacional, entre outros temas que promovem o conhecimento financeiro empresarial, mas não o pessoal.

O cenário acima nos leva às discussões que este trabalho busca promover ao trazer à tona a educação financeira no âmbito universitário, especificamente dentro dos cursos de Administração, Ciências Atuariais, Ciências Contábeis e Economia de uma Universidade Pública localizada na cidade de Osasco. Todos os cursos citados acima contam com UCs que promovem o ensino das finanças como carga obrigatória no decorrer da formação profissional do estudante. Diante desse cenário, surge a seguinte questão: qual é o nível da educação financeiro dos universitários de cursos que contemplem disciplinas financeiras? A partir daí, o presente trabalho tem como objetivo entender o nível de conhecimento em finanças pessoais dos universitários dos cursos elencados acima. Especificamente, pode-se dizer que o objetivo do trabalho é entender a diferença desse conhecimento entre veteranos e calouros e, como um segundo objetivo específico, se cursos com maior incidência de UCs de Finanças promovem alunos mais bem educados financeiramente. A coleta de dados de ambos os perfis servirá como referência para o entendimento se nos estudos em cursos que possuem finanças como parte da matriz curricular, está ligada a um maior discernimento quanto aos aspectos financeiros do cotidiano dos alunos.

O início desta introdução nos trouxe a ideia de que o brasileiro médio é pouco educado financeiramente e possui dificuldade em gerenciar o seu patrimônio. Sendo assim, como hipótese deste trabalho, pode-se dizer que um estudante do primeiro ano se enquadra nessa mesma estatística levando em conta a premissa de que este possui o mesmo nível de educação financeira se comparado com o brasileiro médio. Por outro lado, diferente da média, os estudantes que possuem em sua grade horária um número maior de matérias de Finanças, como uma segunda hipótese, são mais bem educados financeiramente do que os alunos de cursos com menos disciplinas que contemplem essa área de conhecimento, dado que aqueles devem ser capazes de aplicar tal repertório em sua vida pessoal.

2. Fundamentação Teórica

2.1 A Educação Financeira e suas Implicações Práticas

De acordo com a OCDE (2004), a educação financeira é a base de conhecimento que permeia a definição eficaz de orçamentos, a gestão do fluxo de entrada de dinheiro (receitas), o devido equilíbrio entre poupar ou consumir e a gestão eficiente dos investimentos. Estudos apontam que as pessoas podem ter um maior nível de entendimento sobre finanças se de alguma forma elas tiverem contato prático com tais temas. O conhecimento sobre inflação, por exemplo, em países como a Argentina que passaram por períodos hiper inflacionários recentes é maior do que a média mundial de entendimento desse mesmo conceito (Lusardi, 2014). A partir disso pode-se considerar a educação financeira como uma junção de dois principais aspectos: primeiramente o conhecimento relativo ao funcionamento dos sistemas e produtos financeiros e em segundo lugar o empoderamento financeiro em que esse conhecimento aprimora o processo de tomada de decisão diante de situações que envolvam aspectos financeiros (Becchettia, Caiazzab, Coviello, 2013).

Bruhn et al. (2016) destacam que apesar da alfabetização financeira ser considerada um tópico importante desde o ensino nas escolas, o impacto deste conhecimento na vida dos estudantes é de difícil mensuração. Tópicos relativos aos custos de se tomar dinheiro, aos investimentos, mecanismos de controle de gastos e orçamentos são considerados temas essenciais no entendimento do nível de conhecimento financeiro de um indivíduo (Danes, 2004).

Se aproximando da sugestão dos autores do parágrafo anterior, Lusardi e Mitchell (2014) ressaltam que é difícil metrificar conhecimentos de temas como taxa de juros, inflação e diversificação de risco. Com o objetivo de contornar tal dificuldade, e a fim de mensurar a educação financeira em países como os Estados Unidos da América (EUA), as autoras criaram um questionário seguindo quatro princípios. O primeiro deles é a simplicidade, as perguntas devem abordar temas básicos, os fundamentos das finanças pessoais, evitando a complexidade de termos técnicos, por exemplo. Logo após vem a relevância, ou seja, os assuntos abordados no questionário devem estar presentes no cotidiano das pessoas. Em terceiro lugar vem a sugestão do questionamento ser breve, as perguntas não podem ser prolixas, devem buscar a objetividade para que se atinja um número maior de respondentes. E, por fim, as perguntas devem ser diferenciáveis, abordando de forma clara diferentes temas do conhecimento financeiro com o intuito de permitir a comparação entre os respondentes.

Um outro exemplo interessante de se medir o conhecimento financeiro de uma população foi o mecanismo utilizado em um estudo que buscou analisar os resultados da pesquisa global feita pela *Standard & Poor's* (S&P) em que “a educação financeira foi medida por meio de perguntas que testaram o conhecimento básico em 4 conceitos fundamentais na tomada de decisão financeira: conhecimento sobre taxas de juros, juros compostos, inflação e diversificação de riscos” (Lusardi, Oudheusden, Klapper, 2014).

De acordo com Bernheim, Garrett e Maki (2001), uma política estruturada de educação financeira no ensino médio aumenta a taxa de poupança e de acumulação de riqueza dos indivíduos em sua vida adulta. A relevância das finanças pessoais pode ser observada pelo que ocorre quando um indivíduo não é bem educado financeiramente, podendo este, segundo Lusardi (2014) pagar mais em custos transacionais ou altos juros caso não conheça os princípios dos juros compostos, por exemplo. Hogarth (2006) ressalta que um alto índice de endividamento no cartão de crédito, um baixo percentual de poupança em relação ao consumo e a não preocupação com um plano de aposentadoria são realidades daqueles que não são educados financeiramente. Ainda segundo Hogarth (2006), ser educado financeiramente inclui entender os produtos bancários, os impostos e levar em consideração o valor e o custo do dinheiro no tempo como base do planejamento e tomada de decisão no que tange as finanças pessoais. Wisniewski (2011) adiciona tal conhecimento como sendo um aspecto fundamental do desenvolvimento econômico de um país por levar liquidez em direção aos mercados de capitais, fomentar consequentemente a capitalização das empresas e promover a geração de renda e empregos no longo prazo.

2.2 Contexto no Brasil

“Apesar de contar com uma economia em emergência e de escala relevante, o Brasil ainda possui um baixo nível de conhecimento financeiro” (Bruhn et al, 2016).

A frase acima resume o quadro da educação financeira no país. As primeiras movimentações para que tal quadro pudesse ser revertido surgiram a partir de mudanças significativas no quadro socioeconômico do Brasil entre os anos 90 e o final da primeira década dos anos 2000. A partir de levantamento da OCDE (2013) pode-se ressaltar, por exemplo, a ascensão social de 23,5 milhões de brasileiros que saíram das classes mais baixas em direção à classe média de 2002 a 2007. Diante dessas e outras mudanças, instituições como o Banco Central do Brasil (BCB) e a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) previram mudanças no consumo, poupança e investimento da população. A partir daí decidiu-se redigir a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), formalizada em 2010.

De acordo com os resultados mais recentes do PISA (OCDE, 2020), pode-se entender a necessidade de uma estratégia nacional coordenada pelo governo brasileiro. Dentre 20 países que participaram do programa, a pontuação do Brasil deixou o país na 17ª colocação. Ao passo que 43,6% dos estudantes brasileiros tiveram uma pontuação no teste que os enquadrou dentro o nível 0 ou 1 (em uma escala de 1 a 5, sendo 1 conhecimento básico e 5 avançado), apenas 1,9% atingiu o nível 5. Além disso, levando em consideração que apenas 40% dos adultos brasileiros que possuem cartão de crédito são educados financeiramente e que metade deles não é familiar ao conceito de juros composto podemos dizer que o cenário se estende dos estudantes em direção aos de mais idade (Lusardi, 2014). Se agrega ao cenário mais amplo da população brasileira, ainda, um dado que advém da pesquisa feita pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) em parceria com o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). Segundo o SPC e a CNDL (2020), apenas 11% dos consumidores brasileiros possuem receita suficiente para o pagamento das suas despesas de início do ano (IPTU, IPVA, material escolar etc.) sem a necessidade de economizar ao longo do ano anterior.

Visando entender de forma mais profunda o conhecimento financeiro no país, a Serasa Experian (2019) em conjunto com duas outras instituições, cruzou o Índice Nacional de Educação Financeira (INDEF) com o Índice de Alfabetismo Funcional (INAF). O INDEF possui uma escala de zero a dez e é composto por três variáveis: conhecimento (peso de 25%), que é o entendimento dos fundamentos da educação financeira, o comportamento (50%), as ações práticas, e a atitude (25%), a visão do entrevistado da sua relação com o dinheiro. Como primeiro resultado, alunos de universidades ou indivíduos graduados no ensino superior chegam a atingir pontuação próxima a 8,5 na frente “conhecimento” do INDEF, enquanto aqueles que não foram educados formalmente ultrapassam por pouco o 6. Ou seja, um nível de alfabetismo mais alto está sim ligado ao maior conhecimento dos conceitos básicos das finanças pessoais. Por outro lado, ainda de acordo com a pesquisa da Serasa, as variáveis atitude e comportamento não são impactadas pelo nível de escolaridade, mas sim pela experiência prática em temas de ordem financeira. Em termos de atitude, os indivíduos que não frequentaram a escola atingiram um INDEF ao redor de 6,7, enquanto aqueles cursando ou que já finalizaram o ensino superior pontuaram

menos de 6,5. No quesito do comportamento financeiro, o mesmo grupo que não foi à escola pontuou ao redor de 5,75, enquanto que os formados ou alunos do ensino superior não atingiram a pontuação de 5,5 (Serasa, 2019).

Se aprofundando no âmbito universitário, de um público de 590 universitários do Distrito Federal, 40,7% foi considerado como possuindo um baixo nível de conhecimento sobre finanças pessoais (Matta; Amaral, 2007). No geral, levando-se em consideração o estudo de Kirch, Vieira e Potrich, (2015) que analisou uma amostra de 1.400 indivíduos residentes no Rio Grande do Sul, pode-se dizer que a baixa alfabetização financeira está ligada a um determinado agrupamento populacional. Segundo a pesquisa, este grupo possui as seguintes características sociais e demográficas: indivíduos pertencentes ao gênero feminino, que possuem dependentes e com índices baixos de renda e escolaridade.

Indo além do universo escolar, onde se enxerga pouca ou quase nenhuma organização sistêmica do ensino financeiro no Brasil, podemos tentar buscar alguma base de conhecimento familiar e a sua influência sobre o tema de estudo deste trabalho. Cantelli (2009) traz algumas considerações em um estudo que coletou dados de 270 pais e mães da região metropolitana de Campinas. O trabalho teve como objetivo entender os processos que pais utilizam para a educação econômica (referente a temas como gastos, endividamento, poupança e investimentos) de seus filhos e pode-se perceber que apesar dos pais tratarem de tais temas junto às crianças esta não é uma conversa planejada e está ligada aos conhecimentos de senso comum assumindo um viés informal e contraditório. Apesar da preocupação sobre o ensino de temas como o valor do dinheiro e a poupança, “[...] nem sempre os objetivos dos pais estão claros para si mesmos” (Cantelli, 2009). Podendo-se dizer, portanto, que as crianças brasileiras carecem do ensino financeiro tanto no âmbito escolar como no escopo familiar (Silva, *et al.*, 2017).

Partindo do cenário exposto acima, além das estratégias governamentais agregadas por meio da ENEF, entidades privadas também protagonizam a disseminação do conhecimento financeiro no Brasil. As corretoras de valores mobiliários, por exemplo, antes distantes dos investidores individuais, passaram a protagonizar programas de educação por meio de cursos online e canais de comunicação como blogs, sites gratuitos de notícias, entre outros (Leite, 2017).

2.3 Finanças em Cursos de Graduação

Ao revisar as Diretrizes Curriculares publicadas pelo Ministério da Educação (MEC), especificamente aquelas dos cursos explorados neste trabalho, pode-se perceber que pouco se detalha no sentido de promover o ensino das finanças nos projetos pedagógicos. Tal falta de clareza de uma instituição tão importante quanto o MEC pode incorrer em uma indefinição do que deve ser de fato priorizado em cada matriz curricular potencialmente impactando a aquisição de conhecimentos por parte do aluno (Matias, 2007). E isso em um universo de cursos que, por natureza, abordam temas que se comunicam diretamente com os conhecimentos financeiros.

O parecer nº 438/2020 do MEC, por exemplo, que atualiza as diretrizes do curso de graduação em Administração relata que o curso deve proporcionar aos estudantes noções fundamentais que incluem conhecimentos relacionados à “Economia, Finanças, Contabilidade, Marketing (...)” (MEC, 2020) mas não especifica quais conteúdos devem ser abordados abaixo de cada uma dessas áreas. O parecer nº 380/2005 que delibera sobre o curso de Ciências Econômicas apenas menciona as “Finanças Públicas” como parte da formação profissional do estudante e nada além disso. Por último, o parecer nº 269/2004 que congrega diretrizes referentes ao bacharelado em Ciências Contábeis levanta somente que o curso deverá contemplar “conteúdos que revelem o conhecimento do cenário econômico e financeiro (...)” no que diz respeito ao âmbito das finanças dentre tal área do conhecimento (MEC, 2020).

Diante de tal diretriz, genérica por natureza, há, de fato, uma ausência de padrão na oferta de Unidades Curriculares (UCs) de Finanças ao compararmos cursos de Administração, por exemplo, de diferentes Instituições de Ensino Superior (IES). Em um estudo que abrangeu 281 IES (Rodrigues, 2015) pode-se perceber que,

em média, são ofertadas 4,5 UCs de Finanças nos cursos analisados, no entanto percebe-se extremos em que uma instituição possui apenas duas disciplinas e outra um total de 14, sendo ambos cursos de Administração. É difícil dizer que um aluno que cursou apenas duas matérias de qualquer assunto tenha o mesmo nível de conhecimento se comparado com outro que estudou 14 disciplinas do tópico em questão. Outro dado levantado neste mesmo estudo e pertinente à pesquisa desenvolvida neste trabalho é o número de profissionais graduados em administração que não cursou ou não se lembra de ter estudado Finanças Pessoais, que totaliza 63% dos entrevistados (Rodrigues, 2015).

Já no âmbito da Universidade Pública objeto de análise deste trabalho, podemos comparar a presença de UCs fixas que abordam conhecimentos financeiros nos cursos que possuem Finanças como parte da matriz curricular. Para facilitar tal comparação, buscou-se levantar o número de disciplinas de Finanças e a carga horária das mesmas dentro do escopo de cada curso. A tabela abaixo resume a análise.

Tabela 1 – Carga Horária de Finanças em Cursos de Graduação

Curso	UCs de Finanças	Carga Horária (CH) de Finanças (hs)	CH Total (hs)	CH de Finanças / CH Total
Administração	4	210	3.330	6,3%
Ciências Econômicas	2	120	3.060	3,9%
Ciências Atuariais	5	300	3.000	10,0%
Ciências Contábeis	4	240	3.070	7,8%

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações de <https://www.unifesp.br/reitoria/prograd/consulta-matriz>

A partir da Tabela 1, conclui-se que em média cada curso oferta 3,75 matérias de Finanças. Por outro lado, pode-se perceber uma disparidade na proporção dessas disciplinas dentre os quatro cursos objetos de análise deste trabalho. Se de um lado o estudo de temas financeiros representa 10% em Ciências Atuariais, ele não passa de 4% para o curso de Ciências Econômicas.

Abaixo, a Tabela 2 traz com mais detalhes as UCs de Finanças identificadas por curso analisado.

Tabela 2 – Disciplinas de Finanças por Cursos de Graduação

Curso	UCs de Finanças
Administração	Matemática Financeira
	Administração Financeira
	Mercado Financeiro
	Finanças Corporativas
Ciências Econômicas	Matemática Financeira
	Economia Financeira
Ciências Atuariais	Matemática Financeira
	Mercado Financeiro
	Finanças I
	Finanças II
	Regulação do Mercado Financeiro
Ciências Contábeis	Matemática Financeira
	Mercado Financeiro e de Capitais
	Finanças - Produtos Financeiros
	Finanças Corporativas para Contabilidade

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações de <https://www.unifesp.br/reitoria/prograd/consulta-matriz>

3. Procedimentos Metodológicos

3.1 Caracterização da Pesquisa

Pelo caráter numérico, esta pesquisa pode ser classificada como quantitativa, segundo Will (2012), a pesquisa quantitativa permite classificar e realizar análises traduzindo os resultados em números, para serem classificados e consequentemente analisados. No contexto deste trabalho, a partir da pontuação dos respondentes do questionário, estes serão classificados de acordo com o seu nível de conhecimento em finanças pessoais.

3.2 Coleta de Dados

O público-alvo da aplicação do questionário foram alunos dos cursos de Administração, Ciências Atuariais, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis, mais especificamente os alunos dos primeiros semestres e estudantes dos últimos anos. Em anexo a este trabalho estão as perguntas utilizadas para avaliar os respondentes. O questionário foi desenvolvido a partir do *Google Forms* e distribuído através da internet para que se pudesse atingir um grande número de respostas e diversidade dentre as mesmas. No total foram desenvolvidas 13 questões sendo 7 de cunho demográfico e 6 com o objetivo de avaliar o conhecimento dos alunos possuindo, essas últimas, uma única alternativa correta. Foram coletadas 95 respostas sendo 35,8% alunos de Ciências Atuariais, quase 20% pertencentes ao curso de Ciências Contábeis, ao redor de 40% do curso de Administração e mais ou menos 12% de Economia. Ao redor de 40% das respostas são de alunos dos três primeiros anos e os 60% restantes contemplam os alunos do quarto ao quinto ano.

3.3 Critérios para Análise dos Dados

Adaptado do quadro de perguntas realizadas em estudo liderado por pesquisadores do Banco Mundial e da Universidade de *George Washington* (Lusardi, Klapper e Oudheusden, 2014), foi desenvolvido um questionário de participação voluntária contendo seis perguntas sobre conhecimento financeiro (existindo uma alternativa correta dentre as possíveis respostas) e sete referentes ao perfil dos respondentes. Em relação às sete questões sobre o perfil dos alunos, segundo Campbell (2006), “(...) é particularmente importante ter uma boa cobertura por idade e nível de riqueza, uma vez que muitos aspectos do comportamento financeiro variam de acordo com essas características” e por isso foram alocadas questões para levantar esses e outros dados (CAMPBELL, 2006, p.3).

O estudo mencionado no início parágrafo anterior foi utilizado para a seleção dos temas das seis questões que abordam o nível de educação financeira dos alunos. Os temas originais são: diversificação de riscos, inflação, juros simples e juros compostos e para uma abrangência ainda maior do que tal pesquisa buscou avaliar, foi incluído um tema a mais, portanto esses foram os tópicos abordados nas perguntas de avaliação:

1. Diversificação de Risco
2. Inflação
3. Juros
4. Juros Compostos
5. Investimentos e Risco Financeiro

Segundo Lusardi e Mitchell (2011), apesar de ser difícil mensurar o conhecimento financeiro, ao desenhar ferramentas para medir tal conhecimento é importante seguir 4 princípios. Primeiramente deve ser **simples** para medir aspectos básicos, a seguir deve ser **relevante** ao trazer temas do dia a dia das pessoas, terceiromente o questionário deve ser **breve** pois poucos respondem perguntas sobre finanças e, por fim, deve existir uma **capacidade de diferenciação** do público.

A fim de classificar o nível de conhecimento dos alunos a partir de uma estratégia de normalização dos resultados das respostas, buscou-se na literatura um mecanismo de simplificar tal análise. Dessa forma, a partir de estudo de Danes e Hira (1987) pode-se definir o conhecimento em quatro subdivisões de acordo com o número de respostas corretas. Um acerto de 80 a 100 por cento classifica o respondente como tendo um alto nível de conhecimento, os que acertaram 60 a 79 por cento podem ser descritos como possuindo um conhecimento médio, de 40 a 59 por cento se encontram aqueles que possuem um baixo nível de conhecimento financeiro e, por fim, os que acertam de 20 a 39 por cento são classificados como tendo um conhecimento muito baixo sobre o assunto. A utilização de *scores* (classificação dos respondentes em uma escala de conhecimento financeiro) é considerada a melhor forma de avaliar conhecimento financeiro e é amplamente difundida na literatura (Lusardi e Mitchell, 2011). Por fim, para compreender a possível relação entre o termo que o aluno se encontra e a educação financeira do mesmo foi utilizada a técnica de correlação linear.

4. Análise dos Resultados

A análise dos resultados será subdividida em duas partes, sendo a primeira uma análise descritiva dos resultados e a segunda a aplicação da análise de correlação para que se possa compreender a relação entre conhecimento financeiro e o total do curso já completo.

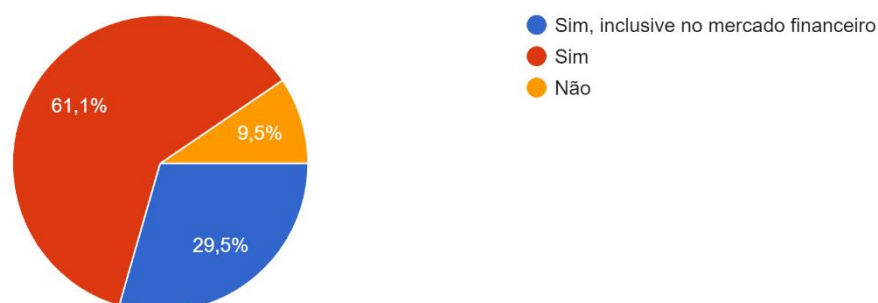
4.1 Perfil dos Respondentes

A pesquisa trouxe a constatação de que a maioria dos alunos desenvolveu sua educação financeira a partir de suas experiências de vida, enquanto que apenas 29,5% buscou se capacitar em cursos específicos sobre o assunto. Mais de 70% dos alunos que responderam cursam Administração ou Ciências Atuariais e 53,7% do total estudaram em escolas privadas.

Em relação à vida profissional, a minoria não trabalha (9,5%) e uma parcela relevante da amostra conta com experiências no mercado financeiro, assim como explorado pelo gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Experiência Profissional

Você trabalha ou já trabalhou?
95 respostas



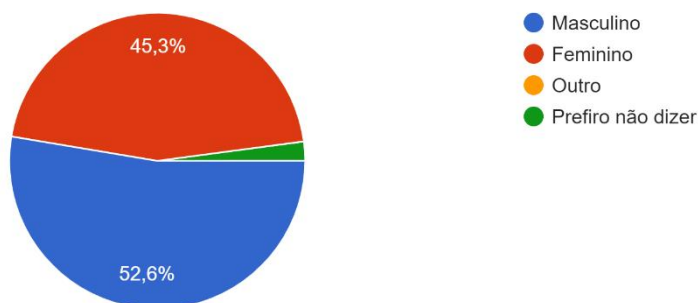
Fonte: extraído do *Google Forms*

Já em termos de gênero, abaixo podemos perceber que houve um equilíbrio entre os voluntários da pesquisa.

Gráfico 2 – Gênero dos Respondentes

Com qual gênero você se identifica?

95 respostas



Fonte: extraído do *Google Forms*

4.2 Conhecimento dos Alunos

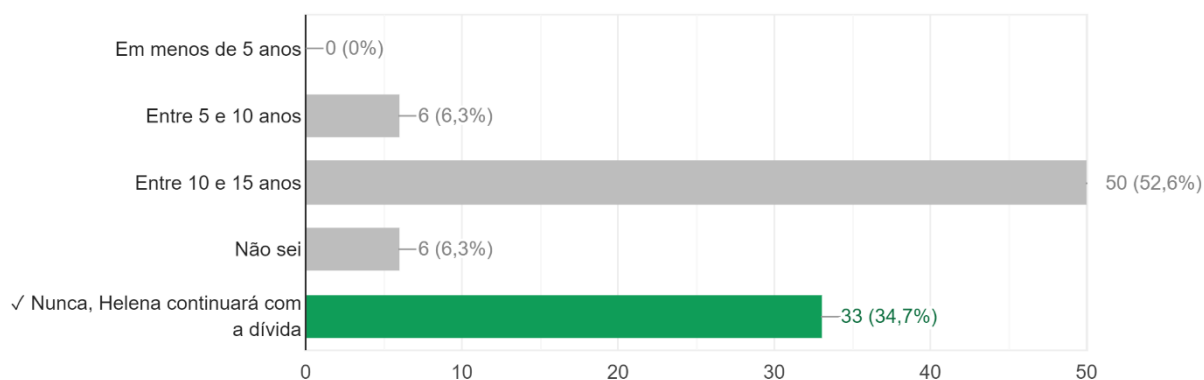
Dos 95 voluntários que responderam à pesquisa, mais de 40% dos mesmos acertaram 50% ou menos das questões de cunho avaliativo e apenas 23% dos alunos acertaram mais de 70% das perguntas. Em média, os alunos acertaram 60% das perguntas e isso classifica os alunos, no como tendo um nível médio de conhecimento sobre Educação Financeira tendo como base o estudo de Danes e Hira (1987). Se separarmos por proporção do curso já completo, os alunos dos dois primeiros anos possuem um baixo conhecimento (56,7%) e os alunos do terceiro ao quinto ano estão bem próximos à média (ao redor de 60%), podendo estes serem classificados como conhecendo de forma intermediária as Finanças Pessoais.

Em relação aos cursos com maior quantidade de UCs obrigatórias de finanças, Ciências Atuariais e Ciência Contábeis, esses alunos atingiram uma média de 61% de acertos. Por outro lado, os alunos de Ciências Econômicas e de Administração que possuem uma carga inferior de estudos sobre a disciplina financeira, atingiram um resultado levemente maior, em média 61,8% de taxa de acerto das questões do questionário.

Juros compostos, inflação e risco foram os temas sobre os quais os alunos enfrentaram mais dificuldade, com destaque à questão abaixo que resultou em uma taxa de acerto de apenas 34,7%. A alternativa destacada em verde é a correta.

Gráfico 3 – Questão que Aborda Juros Compostos

A Helena está devendo R\$ 6.000 no cartão e ela paga R\$ 50 a cada mês para acabar com a dívida. Se a taxa de juros do seu cartão é de 1% ao mês e ...antos anos Helena vai conseguir quitar sua dívida?
33 / 95 respostas corretas



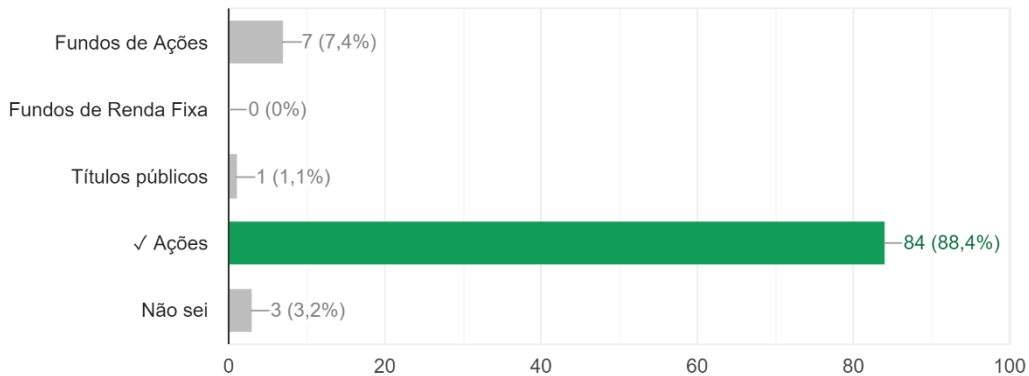
Fonte: extraído do Google Forms

Por outro lado, a questão com mais acertos abordou o tema de risco de ativos financeiros, em que quase 90% demonstrou conhecimento pelo assunto.

Gráfico 4 – Questão que Aborda Risco de Ativos Financeiros

No geral, os investimentos mais arriscados são:

84 / 95 respostas corretas



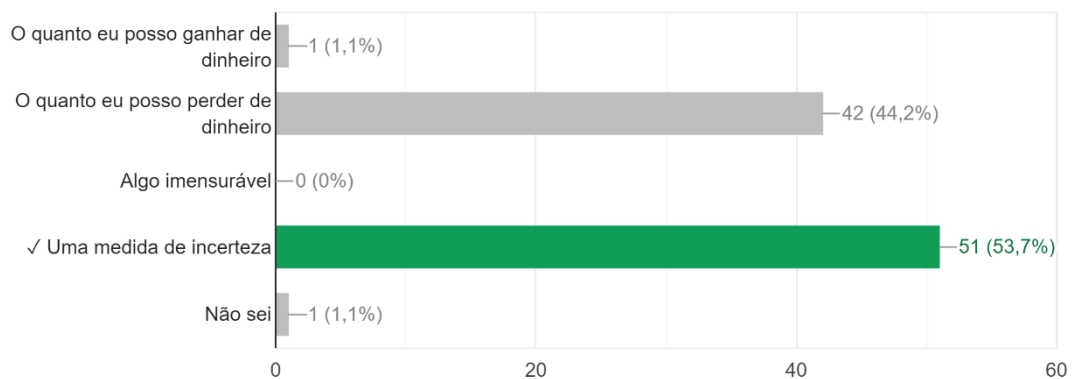
Fonte: extraído do Google Forms

Ainda no escopo de risco financeiro, pode parecer contraditório, mas enquanto que na questão acima, desenvolvida a base de exemplos, os alunos tiveram facilidade em respondê-la, quando questionados puramente sobre o conceito de risco, 46,3% não foi capaz de acertar, assim como elencado no gráfico abaixo. Isso demonstra que este tópico não é dominado pela maioria dos alunos.

Gráfico 5 – Questão que Aborda o Conceito de Risco Financeiro

Risco financeiro é:

51 / 95 respostas corretas



Fonte: extraído do Google Forms

Pulando para os investimentos, 24,2% dos estudantes optou pela Caderneta de Poupança como o melhor fundo de reserva para emergências. Vale lembrar que, assim como mencionado no segundo parágrafo da introdução deste trabalho, este foi o pior investimento do ano de 2019.

Os alunos dos primeiros 2 anos totalizaram ao redor de 16% dos que responderam ao formulário e se incluirmos o terceiro ano nesta conta o número sobe para quase 40%. De fato, os alunos dos últimos anos responderam o questionário com maior frequência dado este a ser ilustrado por 38% dos estudantes estarem cursando o quinto ano.

4.3 Impacto do Termo do Aluno no Conhecimento Financeiro

Dado que um dos objetivos do trabalho, como destacado na introdução, é correlacionar o termo do aluno com o nível de conhecimento em educação financeira dos universitários, vamos aqui analisar se houve correlação entre essas duas variáveis.

Utilizando o *Microsoft Excel* e o banco de dados de respostas do formulário, pode-se relacionar as notas dos universitários com o termo em que este se encontra e encontrar o Coeficiente de Correlação de Pearson que neste caso foi de:

$$r = 0,08$$

Tendo em vista estudos como o de Boon e Foon (2014), que também analisaram a correlação entre métricas com o emprego do Coeficiente de Correlação de Pearson, entende-se que não há uma dependência linear estatisticamente relevante entre as duas variáveis analisadas. Inclusive observando os resultados da pesquisa pode-se perceber uma elevada e aleatória dispersão dos percentuais de acerto em relação ao termo em que o universitário se encontra. Ao explorarmos as seis notas mais altas do questionário (apenas alunos que pontuaram no mínimo 80%, sendo classificados como possuindo um alto nível de conhecimento) por exemplo, pode-se constatar que existe a incidência de mais alunos do 4º Termo (três observações) do que de outros termos. Portanto, a variável conhecimento financeiro não é explicada pelo termo do aluno, não há uma relação neste sentido.

5. Conclusão

Pôde-se perceber, desde o início deste trabalho, que a Educação Financeira é pouco estudada pelos brasileiros e, no geral, o Brasil é um país em que o desconhecimento prevalece quando o assunto é gerenciar o próprio dinheiro. Vale destacar aqui um dado levantado na introdução deste trabalho: o Brasil ficou em último lugar na frente de conhecimentos financeiros do PISA 2015, um resultado do que foi discutido neste trabalho (OCDE, 2018).

Dentre uma população considerável de mais de 210 milhões de habitantes (IBGE, 2020), como a brasileira, assume-se que há dispersões relevantes no que diz respeito, especificamente à Educação Financeira. É justamente nesta frente que o presente trabalho construiu suas hipóteses ao indagar previamente à pesquisa se havia uma diferença relevante do conhecimento em finanças pessoais entre os calouros (considerados aqui os alunos do primeiro ao quarto semestre) e veteranos universitários de cursos que obrigatoriamente contemplam o estudo de disciplinas relacionadas ao tema. As assunções iniciais eram as de que os alunos que recém ingressaram na faculdade teriam seu conhecimento financeiro próximo aquele do brasileiro médio e, conseqüentemente, menor do que os alunos dos últimos anos dos cursos. Além disso, foi levantada a hipótese de que os estudantes dos cursos que contemplam uma carga obrigatória de Finanças maior do que o restante dos alunos seriam mais educados financeiramente. Ou seja, os alunos de Ciências Atuariais e Ciências Contábeis acertariam, na média, mais questões que os alunos de Administração e Ciências Econômicas.

Através de uma pesquisa quantitativa que coletou dados de alunos da Universidade Pública alvo deste trabalho a partir de um *survey*, pôde-se aplicar um questionário com 13 questões sendo 6 avaliativas e 7 para quantificar o perfil dos respondentes. A partir das notas referentes às 6 questões que buscaram avaliar o conhecimento financeiro dos universitários estes foram separados em grupos de conhecimento com base no percentual de respostas corretos. Após tal classificação, observou-se a suposta correlação entre o termo em que o estudante se encontra e o nível da sua alfabetização financeira e o gráfico de dispersão do resultado do teste foi plotado para simplificar a análise.

Como primeiro resultado vale destacar o fato de que os cursos com menor exposição a UCs de Finanças, proporcionalmente em relação à carga horária total do curso, que no caso são Administração e Ciências Econômicas, obtiveram um total de acertos maior do que os cursos com mais carga horária dedicada aos estudos financeiros. Enquanto que este grupo obteve, em média, um percentual de 61,8% de respostas corretas, os alunos de Ciências Contábeis somados aos graduandos em Ciências Atuariais acertaram, em média 61% das questões. Com base nesses dados a segunda hipótese deste trabalho foi refutada.

Já em relação à possibilidade de uma correlação entre o termo em que o universitário se encontra e o seu conhecimento financeiro, de fato o grupo de alunos que atingiu a menor média de respostas corretas foi o pertencente ao primeiro e ao segundo ano da graduação. Os calouros foram os únicos classificados como tendo uma baixa educação financeira, atingindo, em média um total de 56,7% de respostas certas. Olhando de forma simplista podemos assumir que a primeira hipótese deste trabalho estaria correta com o dado que se acaba de observar, porém ao explorarmos estatisticamente a correlação mencionada no início deste parágrafo, pode-se perceber que ela inexistente. Por essa relação ter sido uma premissa no desenvolvimento da primeira hipótese, conclui-se que foi um fator de aleatoriedade o fato de que os alunos dos primeiros anos foram os que demonstraram menos conhecimento no tema desta pesquisa uma vez que se identificou a ausência de influência estatística do termo em que o universitário na sua educação financeira.

Portanto, já que cientificamente não foi possível associar de forma relevante o nível de conhecimento em finanças pessoais dos alunos com as variáveis chave desta pesquisa: o curso e o termo do estudante, surge aqui uma outra hipótese inclusive levantada em outros trabalhos acadêmicos citados nesta pesquisa. Tal hipótese é a de que a variável que pode explicar ou estar correlacionada diretamente à educação financeira do universitário é a sua experiência de vida (o fator mais indicado pelos estudantes como fruto dos seus conhecimentos na área) e não o curso ou o semestre em que o aluno se encontra. Este pode ser um bom tema para um trabalho que almeje se aprofundar ainda mais em um tópico de difícil compreensão, a educação financeira.

6. Referências Bibliográficas

ABDALLA, Márcio Moutinho et al. *Finanças nos cursos de Administração: Análise do interesse pessoal discente*. Rev. bras. orientac. prof, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 87-101, jun. 2012.

B3. *Histórico de Pessoas Físicas*. Publicação direta, 2020. Disponível em: http://www.b3.com.br/pt_br/market-data-e-indices/servicos-de-dados/market-data/consultas/mercado-a-vista/historico-pessoas-fisicas/>. Acesso em: junho de 2020.

BECCHETTIA, L; CAIAZZAB, S.; COVIELLOC, D. *Financial education and investment attitudes in high schools: evidence from a randomized experiment*. Applied Financial Economics, vol. 23, n. 10, p. 817-836, 2013.

BERNHEIM, B.; GARRETT, D; MAKI, D. *Education and saving: The long-term effects of high school financial curriculum mandates*. Journal of Public Economics, vol. 80, p. 435-465, 2001.

BOON, C. Y.; FOON, J. W. J. *Altmetrics is an indication of quality research or just hot topics*. In: IATUL Conferences, 35th. Purdue University. Espoo, Filand, 2014. Proceedings... Espoo, Filand, 2014.

BRUHN et al. *The Impact of High School Financial Education: Evidence from a Large-Scale Evaluation in Brazil*. American Economic Journal: Applied Economics, vol. 8, n. 4, p. 256-295, outubro de 2016.

CAMPBELL, J. Y. Household Finance. The Journal of Finance, v. 61, n. 4, p. 1553-1604. 2006.

CANTELLI, V. *Procedimentos utilizados pelas famílias na educação econômica de seus filhos*. 2009. 359p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251742>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS; CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS; SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO. *Cenário da Poupança e dos Investimentos dos Brasileiros*. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.cvm.gov.br/export/sites/cvm/menu/investidor/estudos/pesquisas/20181002_estudo_spc_cenario_da_poupanca_e_dos_investimentos_dos_brasileiros.pdf>. Acesso em: abril de 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS; SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO. *Em cada dez brasileiros, apenas um tem renda suficiente para pagar despesas de início de ano*. Publicação SPC BRASIL, 2020. Disponível em: < <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/7140>>. Acesso em: maio de 2020.

DANES, S. *Financial Planning Curriculum for Teens: Impact Evaluation*. Journal of Financial Counseling and Planning, jan. 1999. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/228426746_Financial_Planning_Curriculum_for_Teens_Impact_Evaluation>. Acesso em 8 mar. 2020.

Educação Financeira. ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL, 2010. Disponível em: <<https://www.aefbrasil.org.br/index.php/educacao-financeira/>>. Acesso em: abril de 2020.

FERNANDES, B. V. R.; MONTEIRO, D. L.; SANTOS, W. R. dos. Finanças pessoais: um estudo dos seus princípios básicos com alunos da Universidade de Brasília. CAP Accounting and Management, Curitiba, v. 6, n. 6, p. 9-28, 2012.

HAIR, J. R.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. *Multivariate Data Analyses*. 7 Ed. New Jersey: Pearson, 2009.

HOGARTH, Jeanne M. *Financial Education and Economic Development*. Improving Financial Literacy, nov. 2006. Disponível em: <<http://www.oecd.org/finance/financial-education/37742200.pdf>>. Acesso em 8 mar. 2020.

IBGE. *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. Publicação direta, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: junho de 2020.

KIRCH, G; VIEIRA, K; POTRICH, A. *Determinantes da Alfabetização Financeira: Análise da Influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas*. R. Cont. Fin. – USP, São Paulo, v. 26, n. 69, p. 362-377, 2015.

KRAJEWSKI, L. J.; RITZMAN, L. P.; MALHOTRA, M. *Administração da produção e operações*. 8. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

LEITE, E. *A ressignificação da figura do especulador-investidor e as práticas de educação financeira*. Civitas, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 114-130, 2017.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. *The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence*. Journal of Economic Literature, v. 52, n. 1, p. 5-44, 2014.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. *Financial Literacy Around The World: An Overview*. NBER WORKING PAPER SERIES, n. 17107, 2011.

LUSARDI, A.; OUDHEUSDEN, P.; KLAPPER, L. *Financial Literacy Around the World: INSIGHTS FROM THE STANDARD & POOR'S RATINGS SERVICES GLOBAL FINANCIAL LITERACY SURVEY*. Washington, 2014. Disponível em: <<https://gflec.org/initiatives/sp-global-finlit-survey/>>. Acesso em: maio de 2020.

MAMONA, Karla. *Os melhores e os piores investimentos de 2019*. Exame, 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/os-melhores-e-os-piores-investimentos-de-2019/>>. Acesso em: abril de 2020.

MATIAS, A. B. *Finanças corporativas de curto prazo: a gestão do valor do capital de giro*. São Paulo: Atlas, 2007. V.1.

MATTA, R. *Oferta e demanda de informação financeira pessoal: o Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal*. 2007. 214 f. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciência da Informação – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Diretrizes Curriculares - Cursos de Graduação, 2020. Página inicial. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12991> >. Acesso em: 08, de set. de 2020.

MORENO-GARCIA, Elena; GARCIA-SANTILLAN, Arturo; GUTIERREZ-DELGADO, Lizette. *Nivel de educación financiera en escenarios de educación superior. Un estudio empírico con estudiantes del área económico-administrativa*. Rev. iberoam. educ. super, México , v. 8, n. 22, p. 163-183, 2017.

Número de brasileiros inadimplentes se mantém estável, mas quantidade de dívidas cai, revela Serasa Experian. *Serasa Experian*, 2020. Disponível em: <<https://www.serasaexperian.com.br/sala-de-imprensa/numero-de-brasileiros-inadimplentes-se-mantem-estavel-mas-quantidade-de-dividas-cai-revela-serasa-experian>>. Acesso em: abril de 2020.

Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). *Advancing National Strategies for Financial Education*. OECD Publishing, 2013. Disponível em: <<https://www.oecd.org/finance/financial-education/advancing-national-strategies-for-financial-education.htm>>. Acesso em: abril de 2020.

Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). *OECD's Financial Education Project*. OECD Publishing, 2004. Disponível em: <<https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/33865427.pdf>>. Acesso em: abril de 2020.

Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). *PISA 2015 Financial Literacy Brazil*. OECD Publishing, 2018. Disponível em: < <https://www.oecd.org/pisa/PISA-2105-Financial-Literacy-Brazil.pdf> >. Acesso em: abril de 2020.

Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). *PISA 2018 Results (Volume IV)*. OECD Publishing, 2020. Disponível em: < https://read.oecd-ilibrary.org/education/pisa-2018-results-volume-iv_48ebd1ba-en#page19>. Acesso em: maio de 2020.

PALACIOS, Jorge; SOLER, Leonardo. *Estudio preliminar del perfil comparativo del control financiero en jóvenes universitarios*. Cienc. Psicol., Montevideo , v. 11, n. 2, p. 201-212, Nov. 2017.

PARKER, K. FRY, R. *More than half of U.S. households have some investment in the stock market*. Pew Research Center, 2020. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2020/03/25/more-than-half-of-u-s-households-have-some-investment-in-the-stock-market/>>. Acesso em: junho de 2020.

RAMALHO, Thiago Borges; FORTE, Denis. *Financial literacy in Brazil – do knowledge and self-confidence relate with behavior?*. RAUSP Manag. J., São Paulo , v. 54, n. 1, p. 77-95, Mar. 2019.

RODRIGUES, E. R. *O ensino de finanças corporativas: proposta de conteúdo programático para a área temática de finanças nos cursos de graduação em Administração*. Ribeirão Preto, 2015.

ROGERS, Pablo; FAVATO, Verônica; SECURATO, José Roberto. *Efeito educação financeira no processo de tomada de decisões em investimentos: um estudo a luz das finanças comportamentais*. Anais.. São Paulo: ANPCONT, 2008.

SARAIVA, Karla Schuck. *Os sujeitos endividados e a Educação Financeira*. Educ. rev., Curitiba , n. 66, p. 157-173, Dec. 2017.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. *Paradigmas da educação financeira no Brasil*. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro , v. 41, n. 6, p. 1121-1141, dez 2007.

SERASA EXPERIAN. *Educação financeira do brasileiro vai além da escolaridade, revela estudo inédito da Serasa Experian e do IBOPE Inteligência*. Publicação Serasa Experian, São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://www.serasaexperian.com.br/sala-de-imprensa/educacao-financieira-do-brasileiro-vai-alem-da-escolaridade-revela-estudo-inedito-da-serasa-experian-e-do-ibope-inteligencia>>. Acesso em: maio de 2020.

SILVA, T. *et al.* *Financial education level of high school students and its economic reflections*. Rev. Adm., São Paulo, v. 52, p. 285-303, 2017.

WILL, D. E. M. *Metodologia da pesquisa científica*. Livro digital. 2ª ed. Palhoça. Unisul Virtual, 2012.

WISNIEWSKI, M. L. G. *A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro*. Revista Intersaberes, Curitiba, v. 6, n. 12, p.155-172, maio 2011.

VIEIRA, Kelmara Mendes; MOREIRA JUNIOR, Fernando de Jesus; POTRICH, Ani Caroline Grigion. *Indicador de Educação Financeira: Proposição de um Instrumento a Partir da Teoria da Resposta ao Item*. Educ. Soc., Campinas, v. 40, e0182568, 2019.

VILLADA, Fernando; LOPEZ-LEZAMA, Jesús M.; MUNOZ-GALEANO, Nicolás. *Análisis de la Relación entre Rentabilidad y Riesgo en la Planeación de las Finanzas Personales*. Form. Univ., La Serena, v. 11, n. 6, p. 41-52, dez 2018.

7. Anexos

7.1 Questões do Formulário de Pesquisa



Finanças Pessoais

Essa é uma pesquisa que busca entender o conhecimento dos universitários quando o assunto é gerenciar o próprio dinheiro. A ideia é focar nos alunos dos cursos de: Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas ou Ciências Atuariais da Unifesp. Se você não sabe a resposta, não se preocupe em perder tempo apenas clique em "Não sei".

Esse é um assunto que nós, brasileiros, pouco estudamos e por isso sua participação é importante!

***Obrigatório**

Se você tiver 7 faturas em aberto do seu cartão que totalizam R\$ 350 e R\$ 1.000 na conta, sabendo que seu banco te dá um desconto de 0,1% ao mês e que os juros do Tesouro Selic são 0,16% ao mês o que você faria? *

- ☐ Quitaria sua dívida
- ☐ Colocaria o dinheiro no Tesouro Selic e pagaria a dívida conforme as parcelas
- ☐ Não sei

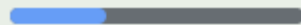
A Helena está devendo R\$ 6.000 no cartão e ela paga R\$ 50 a cada mês para acabar com a dívida. Se a taxa de juros do seu cartão é de 1% ao mês e considerando que a Helena não vai fazer novas compras no cartão, em quantos anos Helena vai conseguir quitar sua dívida? *

- ☐ Em menos de 5 anos
- ☐ Entre 5 e 10 anos
- ☐ Entre 10 e 15 anos
- ☐ Não sei
- ☐ Nunca, Helena continuará com a dívida

Imagine que Ricardo e sua irmã Valéria vão receber uma herança de R\$ 100.000,00, cada um vai ganhar metade do valor. A Valéria vai receber o dinheiro neste ano e o Ricardo só no ano que vem. No final, quem terá um valor maior? *

- ☐ Ricardo
- ☐ Valéria
- ☐ A herança dos dois terá o mesmo valor
- ☐ Não sei

Próxima



Página 1 de 3

Investimentos

Qual é o melhor investimento para a sua reserva de emergência *

- ☐ Poupança
- ☐ Ouro
- ☐ Tesouro Selic
- ☐ Dólar
- ☐ Não sei

Risco financeiro é: *


- ☐ O quanto eu posso ganhar de dinheiro
- ☐ O quanto eu posso perder de dinheiro
- ☐ Algo imensurável
- ☐ Uma medida de incerteza
- ☐ Não sei

No geral, os investimentos mais arriscados são: *

- ☐ Fundos de Ações
- ☐ Fundos de Renda Fixa
- ☐ Títulos públicos
- ☐ Ações
- ☐ Não sei

[Voltar](#)

[Próxima](#)

 Página 2 de 3

Sobre você

Como você aprendeu sobre dinheiro? *

- ☐ Família
- ☐ Colégio/faculdade
- ☐ Amigos
- ☐ Minhas experiências de vida
- ☐ Cursos específicos

Qual é o seu curso? *

- ☐ Administração
- ☐ Ciências Contábeis
- ☐ Ciências Econômicas
- ☐ Ciências Atuariais
- ☐ Outro

Em qual termo (semestre) você está? *

Escolher

Onde você estudou durante a maior parte da vida? *

☐ Escola pública

☐ Escola privada

Você trabalha ou já trabalhou? *

☐ Sim, inclusive no mercado financeiro

☐ Sim

☐ Não

Qual é a sua idade? *

☐ 15 a 19 anos

☐ 20 a 24 anos

☐ 25 a 29 anos

☐ 30 anos ou mais

Com qual gênero você se identifica? *

☐ Masculino

☐ Feminino

☐ Outro

☐ Prefiro não dizer

Voltar

Enviar

Página 3 de 3